

## Constituindo-se sujeito: uma história de compensação social

Deize de S. Borges\*  
Rosângela Kittel\*\*

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo colaborar nas reflexões pedagógicas acerca da educação de cegos. Propõe a reflexão do tema sob o enfoque do materialismo histórico dialético. Fazendo um resgate das etapas de desenvolvimento das opiniões científicas sobre a psicologia dos cegos em paralelo às práticas de uma Sala de Recursos de atendimento a educandos Cegos e Baixa Visão, da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Desenvolve os conceitos de mediação semiótica, auto-regulação, Processos Psicológicos Superiores e compensação social como elementos de constituição do homem, enquanto ser social.

### Palavras-chaves

Cegos. Educação - cegos. Aspectos social.

---

\* Professora de Sala de Recursos para Educandos Cegos e Baixa Visão. Escola Básica Municipal Donícia Maria da Costa

\*\* Professora de Sala de Recursos para Educandos Cegos e Baixa Visão. Escola Básica Municipal Intendente Aricomédes da Silva

## Constituting the subject: a history of social compensation

### Abstract

The purpose of this article is to collaborate with the pedagogical reflections about the education of the blind. It proposes a reflection on the theme from the perspective of historic dialectical materialism. It reviews the phases of development of scientific opinions about psychology of the blind. In parallel it analyzes the practice of a Resource Room for attending Blind and Low Vision students from The Florianópolis Municipal School system. It develops the concepts of semiotic mediation, self-regulation, Superior Psychological Processes and social compensation as elements of the constitution of the individual as a social being.

### Key words

Blind. Education-Blind. Social aspects

*“Não cobiço nem disputo os teus olhos não estou sequer à espera que me deixes ver através dos teus olhos nem sei tampouco se quero ver o que vêem e do modo como vêem os teus olhos. Nada do que possas ver me levará a ver e a pensar contigo se eu não for capaz de aprender a ver pelos meus olhos e a pensar comigo...”*

*Extratos da poesia de Ademar Ferreira dos Santos (Alves, 2002, p.7)*

## **Introdução**

Com a proposta de valorizar e respeitar a diversidade humana, a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis<sup>1</sup> disponibiliza o serviço de Salas de Recursos para educandos Cegos e/ou de Baixa Visão, Surdos e/ou com Perda Auditiva. Este trabalho tem como objetivo instrumentalizar os educandos para o acesso democrático ao conhecimento.

[...] a educação especial é uma ação educativa, de fins equiparáveis aos da educação geral, mas que atua com base em alguns recursos educacionais específicos postos à disposição de qualquer pessoa, que em alguns casos poderão ser necessários de forma temporal e em outros de forma mais contínua e permanente (PARRILLA, 1992, p. 37).

Entendendo que não se pode mais conceber sistemas de ensino separados ou paralelos, refutando a dicotomia entre educação especial e educação geral, a proposta de Sala de Recursos crê-se temporária, mas ainda necessária. Neste contexto, os sujeitos com história de deficiência não mais farão parte de **um** grupo, mas passarão a compor **o** grupo, modificando a relação entre seus participantes.

Nesta perspectiva, a deficiência deve ser entendida, principalmente, em decorrência das relações produzidas e mantidas pelo grupo social, na medida que estabelece e trata como desvantagem as diferenças sensoriais, cognitivas ou físicas de parte deste grupo.

Segundo Vygotski (1997, p.73), “Cualquier insuficiencia corporal / sea la ceguera, la sordera o la debilidad mental congénita – no sólo modifica la relación del hombre con el mundo, sino, ante todo, se manifiesta en las relaciones con la gente”.

Portanto, o relato que permeia o artigo tem por objetivo, ilustrar o desenvolvimento do pensamento científico sobre as pessoas cegas e se propõe a colaborar no entendimento, notadamente, do conceito de compensação social, embora apresente outros conceitos como o de auto-regulação, mediação semiótica e processos psicológicos superiores.

Ainda que a experiência tenha sido originária de uma das Salas de Recursos da Rede Municipal de Ensino, não se propõe a detalhar os serviços e sim recortar os episódios nela transcorridos para que ilustrem a multiplicidade de recursos acerca do tema proposto.

### **Etapas do desenvolvimento dos conceitos**

O relato de Dona Maria sobre Vitória era no mínimo empolgante. Contava à Professora da Sala de Recursos as peraltices e peripécias de sua filha, de seis anos e cega de nascença. Estava muito ansiosa e feliz com a possibilidade de ter um atendimento especializado para sua filha.

*“A senhora sabe como é a vida, um dia um problema, no outro, outro, e assim vai...”* Sentia-se culpada pelo fato da menina nunca ter freqüentado uma escola. A atribulada dinâmica familiar, cuidadosamente ocultada durante toda a entrevista, havia sido o único empecilho para a sistematização de um atendimento.

Trazia apertado entre as mãos trêmulas um papel, gasto nas dobras de guardar, onde se podia ler o diagnóstico: RETINOPATIA DA PREMATURIDADE<sup>2</sup>. O que significava ela não sabia, o fato é que descobriram a cegueira da filha aos quatro meses. *“Foi quando a gente ficou mais tempo com ela em casa, depois de três meses na estufa porque nasceu com sete meses, é que notamos aquele olho parado. Levamos no médico e ele disse que era cega”*.

Dona Maria contou muitas histórias sobre os feitos da filha, que toma banho e veste-se sozinha, organiza seus pertences, lava suas roupas menores, alimenta-se com independência, realiza tarefas da rotina familiar como lavar louça e fazer compras sozinha no armazém da esquina. Com orgulho relatou como Vitória se organiza socialmente, combinando passeios e brincadeiras com amigas do bairro. O que ela mais gosta de fazer é andar de bicicleta, na rua, em frente a sua casa. *“Ela deixa a vizinhança quase louca, quando sai de bicicleta, mas é como se diz, ela tem os olhos de Deus.”*

Tem-se aqui uma mostra valorosa dos resquícios da primeira etapa do desenvolvimento das opiniões científicas sobre a psicologia dos cegos, com seu início na Antigüidade e designada como *mística*. Atribuía ao cego a capacidade de desenvolver forças místicas superiores da alma, e a visão espiritual no lugar da visão física.

Wanecek (1919 apud vygotski, 1997, p. 100), en un estudio sobre el ciego en la saga, el cuento y la leyenda demostró que es propia de la creación popular la concepción del ciego como

una persona con penetrante visión interior, dotada de un conocimiento espiritual que no existe en lo demás.

Dona Maria deixava transbordar toda sua dor e angústia, que lhe molhavam a face e insistiam em cair sobre o papel gasto do diagnóstico. Lá também estava escrito que Vitória deveria freqüentar ensino especializado para aprender o sistema Braille<sup>3</sup> de escrita e leitura, sorobã, orientação e mobilidade e atividades da vida diária. *“Eu sempre procuro ver na Vitória a filha e não a cega. Ela é muito especial. Pode até sofrer na vida, mas Deus está com ela”*.

De acordo com Vygotski (1997, p. 79),

[...] esa piedra sobre el alma, esa enorme pena, ese inexpresable sufrimiento que nos inspira piedad por el ciego y nos hace pensar con horror en su vida, todo ello debe su origen a momentos secundarios, sociales, y no biológicos.

O Cristianismo, mantendo intacta a essência da época mística, mudou apenas o conteúdo moral da idéia e atribuiu ao cego a proximidade com Deus, como panacéia para suas chagas terrenas. Estas concepções embasavam-se apenas na crença de um espírito incorpóreo, pois não havia nenhuma pesquisa científica que as respaldasse.

Somente no século XVIII é que a ciência passa a se ocupar do estudo da personalidade dos cegos, dando início a segunda etapa denominada de *biológica*, e concebe que a falta de uma função perceptiva, como a visão, seria compensada pelo desenvolvimento acentuado de outros órgãos, como a audição e o tato. Não obstante, atribuíram as pessoas cegas à capacidade do sexto sentido, inalcançável para os videntes. *“A Vitória é muito inteligente, a gente nota como ela aprende rápido. Ouve uma vez e já guarda, bota a mão e já sabe o que é. Ela não enxerga, mas em compensação ouve, que só vendo”*.

Esta teoria não se sustentou, mas ilustrou uma época de grandes avanços na construção de uma concepção mais digna sobre a cegueira. O critério da observação e da experiência científica foi usado pela primeira vez, e neste período criou-se a educação e instrução para cegos. A possibilidade de acessar a cultura e inserir-se socialmente foram possíveis com a conquista da escrita e leitura através do sistema Braille. Conhecer um ponto em braille foi mais importante que ter o sexto sentido.

No monumento de Valentim Haüy, 1745-1822, fundador da instrução para cegos está escrito *“Encontrarás la luz em la instrucción y en el trabajo”* (VYGOTSKI, 1997, p.102).

Em 1924, Bürklen reuniu a opinião de vários estudiosos da época e comprovou que a compensação não era fisiológica, e sim sociopsicológica, pois um órgão ou sentido não substitui nem ocupa o lugar do outro.

Nasce assim, na Idade Moderna, a terceira etapa do desenvolvimento das opiniões científicas sobre a psicologia dos cegos, a sociopsicológica. Portanto, não se deve entender a substituição no contexto de que outro órgão ou sentido assuma diretamente as funções fisiológicas dos olhos, mas que uma complexa reestruturação de toda atividade psíquica, é reorganizada e voltada para auto-regular as atividades do indivíduo, modificando sua relação dialética com o mundo.

O sujeito não é uma soma geral entre fatores inatos e adquiridos, mas sim, produto de interações dialéticas (interações de sujeitos históricos), ocorrida desde o nascimento, sendo ele mesmo, também, produtor destas interações.

Nestas interações constituem-se os processos psicológicos superiores, pela mediação semiótica, em sua gênese/natureza social. A produção e uso de signos, “conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura”. (VYGOTSKI, 1989, p. 45).

Ao tentar compreender que o desenvolvimento humano tem por fundamento as relações sociais e a ação recíproca de sujeitos históricos, o autor procura mostrar a importância da mediação semiótica, para a realização de funções psicológicas superiores. Sua teoria não aponta para um indivíduo marcado em seu desenvolvimento por um forte determinismo do social para o individual, mas sim, como sendo este último, um espelho do primeiro, que, por sua vez, espelha o segundo, simultaneamente.

Vygotski chama atenção ao fato de que, concomitantemente com o defeito estão colocadas as propensões psicológicas contrárias, como foi destacado anteriormente, estão colocadas as possibilidades de superação do defeito, e isto constitui a força geradora do processo educativo. Para ele, “[...] la fuente, el estímulo primario que hace surgir los procesos compensatorios son las dificultades objetivas con las que tropieza el niño en el proceso de desarrollo” (VYGOTSKI, 1997, p.136), ou seja, as mediações sociais, muito mais que o defeito orgânico, tornam-se as responsáveis pelos resultados da deficiência.

Segundo Adler, citado por Vygotski “[...] el defecto no es unicamente la pobreza psíquica, es también fuente de riqueza; no es únicamente debilidad, es también fuente de energía” (VYGOTSKI, 1997, p.47). Assim, pode-se dizer que o processo de compensação social, não é dirigido ao complemento da deficiência, mas sim, à tentativa de eliminação das dificuldades, criadas pela limitação e pelo próprio grupo social.

Por meio de instrumentos mediadores, o homem se relaciona com os objetos e as pessoas, nas condições objetivas da vida em sociedade. Estes instrumentos podem ser de duas naturezas, como bem destaca Zanella (2001, p.76):

[...] a) física, como no caso de ferramentas, que modificam o meio físico e o sujeito da ação; e b) representacional, que seriam os signos, os quais incidem e modificam a relação do homem consigo mesmo e com os outros homens

É neste contato social que o sujeito desenvolve sua estrutura semiótica, sua consciência, aquela que é resultado dos próprios signos.

À medida em que o sujeito internaliza os padrões culturais de conduta e pensamento, dominando a cultura historicamente produzida, ele desenvolve seus processos psicológicos superiores, aqueles de origem sócio-cultural.

No convívio com os adultos ou com crianças mais experientes é que desde cedo o bebê humano aprende a se relacionar com o mundo. Primeiramente, sua atividade psicológica é bastante elementar e determinada por sua herança biológica. Vygotski enfatiza que os fatores biológicos predominam sobre os sociais somente no início da vida da criança. Pouco a pouco, as relações com o grupo e com os objetos de sua cultura se intensificam, passando a reger o comportamento e o desenvolvimento de seu pensamento.

De acordo com Vygotski, no momento em que o sujeito é capaz de fazer pontes, ou seja, ligações significativas entre um conhecimento/aprendizado e outro, podemos dizer que ele está fazendo uso de seus processos psicológicos superiores. Suas várias experiências no percurso da vida foram materializadas em seu pensamento, tornando-o capaz de explicar aquilo que lhe foi ensinado durante seus diferentes aprendizados, suas várias comunicações com pessoas mais experientes.

Assim sendo, a ausência das experiências que privilegiam a apropriação desses processos, podem derivar funções cognitivas “deficientes”.(DA ROSS, 1999).

### **O conceito: compensação social**

No intuito de compreender o homem constituído no conjunto de suas relações sociais, buscou-se, por intermédio da agente de saúde do bairro, informações que colaborassem com uma visão da realidade, não fragmentada, mas enraizada na história da vida de Vitória.

A agente de saúde do bairro falava emocionada, e desvelava a história de Vitória. Conhecia a menina cega. As dificuldades econômicas e a de-

pendência química dos pais configuraram os primeiros obstáculos que levaram a menina à vitória da sobrevivência.

*"Quando cheguei na casa, perguntei pelo bebê. Eles estavam ali, naquele estado que só a droga sabe deixar. De súbito, lembraram da criança que, pelo seu estado, devia estar, há muito, esquecida. Encontrei Vitória em estado quase mórbido, no berço, parada, com o olhar fixo. Na boca, varejeiras e pelo corpo, o cocô seco."* (DEPOIMENTO DA AGENTE DE SAÚDE)

Nos anos seguintes, a agente de saúde acompanhou de perto o desenvolvimento da menina, percebendo que, apesar das dificuldades, a superação de obstáculos era uma constante em sua vida.

*"A Vitória aprendeu tudo muito rápido. Falou cedo e, ainda engatinhando, já sabia onde pegar comida e água. Se mete nas conversas dos adultos, dá opinião, pergunta..."*. Estas foram as palavras da mãe, se referindo ao desenvolvimento da filha. Os depoimentos ilustram como a vida de todo organismo está orientada pela exigência biológica de adaptação, assim como o desenvolvimento da personalidade está orientado pelas exigências do seu ser social.

[...] el organismo no sólo compensa el daño que se infiere, sino que siempre está elaborando un excedente, una ventaja sobre el peligro, que lo pone en un estado más elevado de defensa del que tenía antes de la aparición del peligro. (VYGOTSKI, 1997, p. 42)

A compensação social, enquanto conceito, traz a idéia de que o "defeito" ou a "falta" (nos termos de Vygotski), carrega em si, a possibilidade de aprendizagens reorientadoras do desenvolvimento do sujeito com história de deficiência, que se encontra em desvantagem quanto ao seu enraizamento na cultura.

Devido à deficiência, é criada uma força na produção de estratégias, no sentido da apropriação da cultura. Este fato torna-se possível mediante a ação intensa de mediações qualitativamente orientadas ao exercício dos processos psicológicos superiores.

Ainda segundo Vygotski (1997, p. 136),

En los niños con insuficiencias, la compensación sigue direcciones totalmente diferentes según cuál sea la situación que se ha creado, en qué medio se educa el niño, que dificultades se le presentan a causa de esa insuficiencia."

A fonte da compensação social está na inadaptação da infância e Vitória viveu isto na forma mais ampla imaginável. Buscou novas estratégias para se alimentar, pois aprendeu que a espera e o choro não eram caminhos viáveis para



alcançar o objetivo saciar-se. Criou estratégias para ocupar seu espaço no contexto familiar através da palavra oral, a partir da qual define regras, impõe limites e estabelece laços de afetividade com aqueles com quem convive. Surpreende a vizinhança quando anda de bicicleta e confessou guiar-se pelos gritos de “cuidado”, “vai cair”, “olha o buraco”, para definir seu percurso.

Toda la vida psíquica del individuo es una sustitución de actitudes combativas orientadas a resolver una única tarea – ocupar determinada posición con respecto a la lógica immanente de la sociedad humana, a las exigencias de la existencia social – . Lo que decide el destino de la personalidad, en última instancia, no es el defecto en sí, sino sus consecuencias sociales, su realización sociopsicológica. (VYGOTSKI, 1997, p.44).

Esta parece ser a citação apropriada para definir a força de Vitória, que frequenta o serviço da Sala de Recursos três vezes por semana, por duas horas. Destemida, arrojada, corajosa. É tudo que a mãe relatou e muito mais. “Quando que vou aprender a ler e escrever no caderno, igual a Bica, minha irmã?”. Questionou, já no primeiro encontro.

Relutou, no início das atividades, ao fato de ter que usar o sistema Braille para escrita e leitura. “Eu não quero este livro, eu sei ler este, em tinta”. Foi assim que Vitória reagiu durante uma atividade quando foram apresentados dois livros, um em tinta e outro em Braille, com a história do Chapeuzinho Vermelho. Explicado para ela que quando aprendesse Braille poderia ler aquele livro, Vitória com rapidez e determinação jogou o livro em Braille para a professora e pegou o livro em tinta. “Eu enxergo, quer ver?”. E com o livro aberto a sua frente deu início a uma ladainha, mantendo a entonação e selecionando palavras próprias de uma leitura, embora sem relação com o texto e de forma desconexa.

Atualmente usa e abusa do conhecimento do sistema Braille para ser o alvo das atenções das outras crianças que, admiradas, perguntam como ela consegue entender “aqueles pontinhos”. “É muito difícil e tem que ser muito inteligente para saber, não é professora?”. E quando a professora explica que é igual a aprender as letras em tintas pois são símbolos, Vitória logo arruma uma forma de ressaltar suas habilidades, ímpares, no uso da punção, reglete e máquina Perkins.<sup>4</sup>

A pessoa cega desenvolve uma sobreestrutura psíquica sobre a função perdida com um objetivo, o de substituir a visão. Segundo Adler, (apud VYGOTSKI, 1997, p.47) “...el defecto no es unicamente la pobreza psíquica, es también fuente de riqueza; no es unicamente debilidad, es también fuente de energia” . Assim,

pode-se dizer que o processo de compensação social não é dirigido ao complemento da deficiência, mas sim, à tentativa de eliminação dos obstáculos, neste caso, criados socialmente pela cegueira..

Esta vontade de viver, de ser socialmente válida, re-organiza as formas de enraizamento na cultura.

### **Considerações finais**

Para que não se cometa o erro de pensar que o conceito de compensação social está retrocedendo a época do Cristianismo, com valorização do sofrimento, Vygotski define, com muita propriedade, estas posições que são, na verdade, opostas.

La nueva teoría no valora positivamente la ceguera en sí el defecto, sino las fuerzas contenidas en ella, las fuentes de su superación, los estímulos para el desarrollo que entraña. No simplemente la debilidad, sino la debilidad como camino hacia la fuerza es lo que aquí se marca con un signo positivo (VYGOTSKI, 1997, p. 111).

Na antiguidade envolvemos as pessoas cegas em fantasias místicas e demos a elas o sexto sentido, na idade média, ingenuamente, acreditamos na substituição dos órgãos ou sentidos, foi somente por meio do acesso a cultura, através da educação e instrução para os cegos e do sistema Braille de leitura e escrita, que finalmente, nos aproximamos mais da verdade sobre o desenvolvimento da personalidade das pessoas cegas, entendendo a cegueira como um problema social e psicológico.

Conforme Vygotski, “[...] la educación debe convertir realmente al ciego en una persona normal, socialmente válida, y hacer desaparecer la palabra y el concepto de “deficiencia” en lo que concierne al ciego.” (VYGOTSKI, 1997, p.112).

Portanto, o desafio do momento é consolidar a sistematização de uma educação que instrumentalize esses sujeitos, para uma ação efetiva na realidade. Isto significa produzir em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida social e historicamente pelos homens.

Assim sendo, o estabelecimento de uma nova ordem social onde o direito de pertencer, o respeito à diversidade, a valorização e o pacto com a pluralidade, deve compor, não somente mais um paradigma, mas, principalmente, a cultura da humanidade.

## Notas

- 1 Documento: Diretrizes para organização e funcionamento do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Educação de Florianópolis.
- 2 É uma doença bilateral, com proliferação vascular na periferia temporal da retina, progressiva, podendo ocasionar o deslocamento total da retina e perda severa da acuidade visual bilateral. Em 80% dos casos poderá ocorrer regressão espontânea da RP nas faces iniciais da sua evolução.
- 3 Sistema Braille: combinação de seis pontos em relevo, dispostos em duas colunas, com três pontos cada uma, formando um retângulo, ou “cela” de 6 milímetros de altura por 2 milímetros de largura. Permite 63 diferentes combinações para obter todos os sinais necessários à escrita de letras, números, pontuações, símbolos e notas musicais.
- 4 Punção, reglete e máquina Perkins são equipamentos usados para a escrita do sistema braille.

## Referências

- ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papirus, 2002.
- BIANCHETTI, Lucídio; DALL'ALBA, Lucena; FREIRE, Ida Mara. *Um olhar sobre a diferença: Interação, trabalho e cidadania*. Campinas : Papirus, 1998.
- DA ROS, Silvia Z. *Pedagogia e mediação em Reuven Feurstein: o processo de mudança em adultos com história de deficiência*. São Paulo: Plexus, 1999.
- DE CARLO, M. M. R do P. *Se essa casa fosse nossa... Instituições e processos de imaginação na educação especial*. São Paulo: Plexus, 1999.
- GIL, Marta (Org.), *Deficiência Visual*, Brasília MEC, Secretaria de Educação a Distância, 2001.
- MATURANA, Humberto R. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palia Atena, 2001.
- PARRILLA, A. *La integración escolar como experiencia institucional*. Sevilla: GID, 1992.
- REGO, T. C. *VYGOTSKI: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 5. ed., etrópolis: Vozes, 1995.

*Deize de S. Borges e Rosângela Kittel*

TORRES GONZÁLES, José Antonio. *Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2002.

VYGOTSKI, L.S. Fundamentos de defectología. Madrid: Visor Dis, S.A., 1997. (*Obras Escogidas 5*).

ZANELLA, Andréa Vieira. *Vygotski: contexto, contribuições à psicologia e o conceito de zona de desenvolvimento proximal*. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2001.

Recebido: 18/05/2002  
Aprovado: 20/07/2002

---

Deize de S. Borges  
Rodovia Virgílio Várzea S/N  
Telefone: (048) 238 2299 - Saco Grande II  
Florianópolis – Santa Catarina  
Cep: 88025-000  
[e-mail: deizeb@newsite.com.br](mailto:deizeb@newsite.com.br)

Rosângela Kittel  
Rua: Leonel Pereira, 930  
Telefone: (048) 284 5836  
Cachoeira do Bom Jesus - Florianópolis  
Cep: 88056-300 - Santa Catarina  
[e-mail: kittel@sc.mailbr.com.br](mailto:kittel@sc.mailbr.com.br)

*Ponto de Vista, Florianópolis, n. 3/4, p. 047-058, 2002*